DEIXAR MORRER É FAZER MORRER: REFLEXÕES SOBRE A AVERSÃO ÀS POPULAÇÕES POBRES NO BRASIL

DEJAR MORIR ES HACER MORIR: REFLEXIONES SOBRE LA AVERSIÓN HACIA LAS POBLACIONES POBRES EN BRASIL

Ádamo Gabriel Lopes de Souza[1]

RESUMO: O texto propõe uma análise dos desafios contemporâneos, destacando as questões das desigualdades sociais, precarização da saúde e do trabalho, além da xenofobia. O objetivo principal deste ensaio é aprofundar a compreensão das interconexões entre os conceitos de biopolítica e aporofobia, com base na fundamentação teórica fornecida por Michel Foucault e Adela Cortina. Em síntese, o manuscrito está estruturado em duas seções distintas. A primeira seção explora o conceito de "vida" como objeto da política, contextualizando o surgimento da biopolítica. A segunda seção concentra-se na aporofobia, que se revela como um fenômeno crucial a ser combatido, especialmente no contexto do aumento da pobreza a nível global.

Palavras-chave: conflitos; desigualdade social; biopolítica; aporofobia.

RESUMEN: El texto propone un análisis de los desafíos contemporáneos, destacando las cuestiones de las desigualdades sociales, la precariedad de la salud y el trabajo, además de la xenofobia. El principal objetivo de este ensayo es profundizar la comprensión de las interconexiones entre los conceptos de biopolítica y aporofobia, a partir de la fundamentación teórica aportada por Michel Foucault y Adela Cortina. En resumen, el manuscrito se estructura en dos secciones diferenciadas. La primera sección explora el concepto de “vida” como objeto de la política, contextualizando el surgimiento de la biopolítica. La segunda sección se centra en la aporofobia, que se revela como un fenómeno crucial que debe combatirse, especialmente en el contexto de una pobreza creciente a nivel global.

Palavras clave: conflictos; desigualdad social; biopolítica; aporofobia.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea confronta uma série de conflitos que se entrelaçam em meio a contradições e ambiguidades. Esses conflitos englobam uma

[1] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (PPGFIL-UNIR). E-mail: adamo.gabriells@gmail.com

ampla gama de questões, tais como guerras, disparidades econômicas, fome, desnutrição, pobreza extrema, xenofobia, racismo, precarização da saúde, proletarização da educação e a uberização do trabalho.

Ademais, a hegemonia do pensamento neoliberal tem desempenhado um papel fundamental na estruturação de discursos, assim como práticas diversas no tocante a mecanismos de submissão, que têm repercussões diretas na racionalidade política. Apesar da eloquência acerca de "desenvolvimento social", é evidente que a “justiça social” está longe de ser uma realidade para as populações

Dentro deste contexto, é crucial refletir sobre a questão da pobreza e a segurança da população com uma abordagem ética em relação à política atual. Assim, o objetivo primordial do texto é analisar a noção de biopolítica, desenvolvida por Michel Foucault, à luz do entrelaçamento com o conceito de aporofobia proposto por Adela Cortina.

Assim, o texto se encontra divido em duas seções. Na primeira, exploramos alguns aspectos relacionados à vida enquanto objeto de interesse político, destacando o surgimento da biopolítica à medida que observamos o desenvolvimento da tecnologia disciplinar do corpo-indivíduo, impulsionando a tecnologia de segurança do corpo-espécie da população. Na segunda, discutimos como a aversão e rejeição aos pobres emergem como fenômenos a serem identificados e combatidos, em face do aumento progressivo da pobreza no Brasil e no mundo.

2 A VIDA COMO OBJETO DA POLÍTICA

Inicialmente, localiza-se a estatização da espécie humana, como objeto do poder político, a partir das mudanças emergentes no final do século XVIII e início do século XIX, ou seja, a "preocupação com as relações entre a espécie humana, os seres humanos enquanto espécie, enquanto seres vivos, e seu meio, seu meio

de existência" (Foucault, 2010, p. 206), se entrecruza com a noção de "população" e todo seu aparato de regulação da vida biológica.

Por outro lado, as transformações sociais, políticas e econômicas nos séculos XVIII e XIX impulsionam uma série de mudanças no horizonte do direito político, cujos efeitos são notados no campo do poder sobre a vida biológica. Segundo Foucault (1999), desde a extensão do século XVII, o "poder sobre a morte" exercido pelo soberando, gradualmente é formulado com o propósito de assegurar e preservar a vida.

> O "confisco" tendeu a não ser mais sua forma principal, mas somente uma peça, entre outras com funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de organização das forças que lhe são submetidas: um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las (Foucault, 1999, p. 128).

Percebe-se que, diante do contexto que emerge, o direito de morte, ou seja, "fazer morrer e deixar viver", que é a razão efetiva do exercício de poder do soberano, tende a se deslocar em favor da salvaguarda da vida, apoiado em um poder que gere e assegure a vida, mas que organize a mesma em favor de seus reclamos - "fazer viver e deixar morrer" - sobrepondo o poder soberano de "fazer morrer".

3 AVERSÃO AO POBRE E O CARÁTER BIOPOLÍTICO

No Brasil, segundo pesquisa e análise do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicada no início de dezembro de 2022[2], o país atingiu níveis recordes de pobreza e extrema pobreza em 2021. Desse modo, importa considerar as análises da filósofa Adela Cortina sobre a aversão ao pobre, que mostra como "[...] a rejeição ao pobre é mais extensa e profunda do que os demais tipos de

[2] Matéria do Jornal Folha de São sobre a pobreza no Brasil. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/12/pobreza-no-brasil-alcanca-recorde-de-625-milhoes-em-2021. Acesso em: 10 abr. 2023.

aversão e é uma realidade pessoal e social contundente, como mostra à saciedade a vida cotidiana" (Cortina, 2020, p. 29).

A partir dos argumentos de Cortina (2020), é possível fazer uma associação com a noção de biopolítica, conceito central preconizado por Michel Foucault que se ocupa da gestão e segurança da população. Nessa perspectiva, o pobre é visto como corpo-espécie da população e a pobreza é vista como indispensável "[...] para a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior" (Foucault, 2010, p. 215).

Neste sentido, Cortina (2020) enfatiza a urgência de reconhecer e nomear o fenômeno da realidade social da rejeição e/ou aversão ao pobre, o que nos leva a analisar e assumir uma posição a respeito do que nos atravessa e inquieta enquanto seres vivos em sociedade

> Sem dúvida, as atitudes xenófobas e racistas, que são tão velhas quanto a humanidade, apenas em algum momento histórico foram reconhecidas como tais, apenas em algum momemnto as pessoas puderam apontar com o dedo os seus nomes e avaliar a partir da perspectiva de outra realidade social, que é o compromisso com o respeito e a dignidade humana (Cortina, 2020, p. 20).

Em geral, o neologismo "aporofobia", surge a partir do esforço de diagnosticar o tipo de rejeição e medo de pessoas concretas como os pobres. O termo, criado pela filósofa em um artigo publicado com o mesmo, remonta a origem que vem do grego *Á-poros*, que significa "pobre", e *fobéo*, que significa "aversão".

Além disso, é necessário observar o esforço inegável e a necessidade de "[...] dar nome a essa rejeição do pobre, do desamparado, porque essa atitude tem uma força na vida social que é ainda maior, precisamente porque atua a partir do anonimato" (Cortina, 2020, p. 32). Assim, considerando a realidade incontestável e a falta de uma linguagem que possa identificar tal fobia, a autora sustenta que é crucial nomear e reconhecer a aporofobia como uma forma de discriminação.

> [...] a vida cotidiana não pode ser compreendida sem se dar nome a esse mundo de fobias como as mencionadas, as quais, como veremos, consistem na rejeição a pessoas concretas por terem uma característica que as inscreve em um determinado grupo que se despreza ou se teme,

> ou ambas as coisas, precisamente por ter essa característica. Neste mundo existe a rejeição ao pobre, a aporofobia (Cortina 2020, p. 32-33).

Nesse contexto, o conceito de aporofobia desempenha um papel fundamental, especialmente quando cruzado com a noção de biopoder, que é o poder sobre a vida e morte. Isso ocorre porque a condição de “fazer viver e deixar morrer” é exercida.

Sob essa perspectiva, fica evidente que o direito de tirar a vida na biopolítica está diretamente relacionado ao processo de manutenção e segurança da população. Isso não significa necessariamente “fazer morrer” por parte do poder soberano, mas sim expor à morte através de um conjunto de riscos que “deixa morrer” ou simplesmente rejeita o outro que não se encaixa na massificação do corpo-espécie da população.

> A aporofobia é um tipo de rejeição peculiar, diferente de outros tipos de ódio ou rejeição, entre outras razões porque a pobreza involuntária não é um traço da identidade das pessoas. A pobreza involuntária, entretanto, não pertence à identidade uma pessoa, nem é uma questão de opção (Cortina, 2020, p. 51-52).

A rejeição e medo em relação aos pobres são observados diariamente, como pode ser visto em construções urbanas no Brasil, conhecidas como "arquitetura hostil". Essas construções são realizadas especialmente em locais públicos, como praças ou ruas, com o objetivo de restringir o acesso a certos espaços ou mesmo afastar pessoas pobres e sem teto de circular livremente em determinados locais públicos.

Portanto, considerando o horizonte analítico descrito por Cortina (2020), pode-se inferir que há uma relativa convergência entre aporofobia e biopolítica. Isso ocorre porque a vida, enquanto dimensão biológica do corpo-espécie, é assumida pelo poder político e fica subordinado a um “deixar morrer” pelas circunstâncias, nas quais os pobres estão inseridos na população.

4 CONCLUSÕES

Antes de tudo, é importante destacar que o objetivo principal deste texto foi analisar a noção de biopolítica, conforme preconizado por Michel Foucault, a partir da interseção com o conceito de aporofobia delineado por Adela Cortina.

Assim, na primeira seção, apresentamos as características da vida como objeto da política, cotejando os elementos de transformação social e política entre os séculos XVII e XVIII, período em que surgem tecnologias de poder que visam a centralidade da vida biológica. Na segunda seção, mostramos como o aumento da pobreza e extrema pobreza no Brasil e no mundo revela uma realidade social concreta, na qual o acirramento e a desigualdade social evidenciam uma aversão aos pobres. Isso se relaciona com a noção de "deixar morrer" certos grupos em favor da manutenção e segurança da população, o que converge com os aspectos biopolíticos.

Em resumo, pode-se inferir uma relação entre os conceitos de biopolítica e aporofobia, dada a centralidade do primeiro na gestão, manutenção e segurança da população, mas também como um elemento capaz de estabelecer, dentro da própria população, a possibilidade de alguns grupos terem poder de vida ou morte sobre outros, sem a necessidade de um mecanismo direto, bastando "deixar morrer".

REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Ermantina Galvão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.